

Encontro com o invisível

Por Isabela Rosenbaum Theodoro

Recentemente passei por uma situação inusitada enquanto andava pela Avenida Paulista. Eu tinha acabado de descer do carro do meu pai, estava a caminho da minha faculdade, quando, de repente, um morador de rua cospe no meu braço. Minha primeira reação foi... Nada. Não fiz nada. Fiquei sem reação, atordoada, tinha acabado de ser cuspidada pelas sete horas da manhã de uma quarta-feira.

Fiquei um tempo repassando o acontecimento na cabeça, eu e o senhor de rua estávamos indo em sentidos contrários, quase trombamos, mas eu desviei e, com isso, ele cuspiu em mim. Depois do ocorrido, já no meu destino, meu primeiro sentimento foi raiva, e não tiro minha razão, acho que ninguém gostaria de ser cuspidado – pelo menos eu espero. Mas, em seguida, me veio uma culpa, será que ele pensou que eu iria esbarrar nele por isso seu instinto foi de cuspir? Imagino que ser morador de rua é ter que, dolorosamente, se acostumar em ser ignorado por muitos, ser maltratado, desrespeitado, se humilhar diante dos pés dos transeuntes por uma moeda qualquer.

Muitos consideram a Avenida Paulista o coração de São Paulo, o centro financeiro da capital. Eu acho irônico esse “apelido”, eu diria que a avenida é o exemplo perfeito do descaso governamental perante essa parcela da sociedade, que não é pequena, vale ressaltar. Em uma mesma esquina que se tem prédios luxuosos, bancos importantíssimos, encontra-se também pessoas dormindo no chão, esquecidas, invisíveis aos olhos, porém não passam despercebidos quando o assunto é a violência que sofrem, o abandono. Essa triste situação só trás mais veracidade à música “Xibom Bombom” de *As Meninas*: “O rico cada vez fica mais rico/ E o pobre cada vez fica mais pobre / E o motivo todo mundo já conhece / É que o de cima sobe e o de baixo desce”.

Contei o acontecido para os meus familiares e a “tiração de sarro” não teve limites para nós. Rimos todas as vezes que eu contava para alguém novo a cuspidada aleatória. E também pensei como outras pessoas agiriam diante desse encontro. Será que iriam xingar, desdenhar? Em tom de brincadeira, me falaram que eu deveria cuspir de volta no morador de rua. Acho que pessoas mais rudes, complexadas com a famosa “síndrome do sol”, caracterizada por achar que o mundo gira em torno de você, levariam essa brincadeira de revidar o cuspe à sério. Importante pontuar que eu não me considero uma santa também, longe disso.

E, no final, essa cuspidada me fez refletir muito mais do que o esperado.